

LITERATURA INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES E INCENTIVO DA FAMÍLIA E DA ESCOLA PARA FORMAÇÃO DO ALUNO COMO LEITOR DE LITERATURA

lasmin Rhayzza da Silva Luna¹
Jessica Silva dos Santos²
Ester Calland de Sousa Rosa³

A pesquisa teve o objetivo de identificar como profissionais e familiares entendem a relação entre a escola e a família na formação leitora de crianças da Educação Infantil. Estudos na área apontam que ler literatura com crianças pequenas tem efeitos que se perpetuam para outras etapas da vida e que os ambientes familiar e escolar têm funções complementares nesta formação. O estudo de campo se realizou em três instituições do Recife e foram entrevistadas 22 pessoas incluindo professores, ADIs e familiares de crianças dos grupos 3 e 4. Como resultados, identificamos um consenso que famílias e escolas são corresponsáveis pela formação leitora, embora se atribuam diferentes funções para os mediadores e ambientes. Conclui-se que é importante otimizar a comunicação entre escola e família para efetivar ações em favor da formação leitora dos pequenos.

Palavra-chave: Relação escola-família, Educação Infantil, Literatura.

Introdução

A presente pesquisa tem como tema a relação família escola no desenvolvimento das crianças como leitores literários, na etapa da Educação Infantil. Entendemos que a relação existente entre família e escola é de relevância para o desenvolvimento da criança e isso pode ser percebido já durante a etapa da Educação Infantil, por ser um momento em que encontramos maior parceria entre ambas, visto que essas crianças pequenas passam muitas vezes o dia ou parte dele em creches e escolas, longe de suas famílias, sob a atenção e cuidados de professores, auxiliares de desenvolvimento infantil (ADIs), juntamente com todos os profissionais da instituição.

Em um levantamento bibliográfico na área, Cruz (2016) identificou um conjunto de estudos sobre as relações entre escola e família na etapa da Educação Infantil e também destacou o papel complementar e cooperativo entre ambas, tendo

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 2019.1.

² Graduanda do Curso de Pedagogia na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 2019.1.

³ Professora do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco, orientadora da pesquisa de TCC.

como respaldo a legislação educacional. A complementação se dá, a partir das diferentes características e perspectivas que cada instituição possui, acompanhadas da cooperação, onde ambas, em comum, buscam agir em favor do pleno desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

O fato de que na faixa etária de crianças que atendem a Educação Infantil há maior dependência dos adultos requer que as duas instituições – família e escola – desenvolvam parcerias e um reconhecimento mútuo no cuidado e ações educativas. Por outro lado, as pesquisas levantadas pela autora destacam que essa relação nem sempre acarreta em bons resultados, visto que pode acontecer de uma das instituições se sentir invadida pela outra, ou, ao contrário, alguma delas estar ausente ou negligente na promoção do desenvolvimento da criança.

Se encontramos na literatura evidências que reforçam o papel complementar e cooperativo entre famílias e unidades de Educação Infantil no desenvolvimento de crianças, também encontramos respaldo para essa argumentação em documentos oficiais e na legislação que regula a educação brasileira. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394/1996) enfatiza a importância dessa vinculação já nos seus primeiros artigos quando afirma:

Art. 1º - A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar;

Art. 2º - A educação, dever da família e do Estado;

Art. 5º - A educação básica obrigatória é direito público subjetivo. (BRASIL, 1996).

Apesar dessa orientação e dos estudos já realizados na área, quando se observam práticas escolares é possível ainda verificar a persistência de situações de atrito na relação entre as famílias e os profissionais da Educação Infantil, nem sempre se concretizando as orientações quanto à complementaridade e à cooperação. Isso se dá, inclusive, quando se trata da questão da formação leitora das crianças pequenas. É comum ouvirmos pais que atribuem exclusivamente à instituição escolar a função de introduzir as crianças na cultura escrita, e, por outro lado, também é comum que professores e outros profissionais queixem-se da omissão de algumas famílias quanto ao incentivar desde cedo à leitura e ao contato com livros e histórias.

No campo da pesquisa, identificamos que estudos na área de desenvolvimento infantil têm mostrado que o contato precoce de crianças com histórias e livros influencia em seu desenvolvimento, abrangendo várias dimensões. Numa revisão sobre os estudos na área, Cardoso e Sepúlveda (2015) apontam evidências de que a leitura com crianças pequenas repercute positivamente no desenvolvimento oral, no desenvolvimento da linguagem escrita e nos hábitos de leitura. Nos estudos levantados pelos autores evidencia-se, ainda, que tanto a escola quanto a família têm um papel importante como instâncias de mediação entre a criança e as histórias e que ambas influenciam na formação de leitores.

Também na legislação e documentos orientadores da Educação Infantil encontramos respaldo para a integração entre família e unidades educacionais na promoção da leitura para crianças pequenas. Segundo o Referencial Curricular da Educação Infantil (RCNEI) (1998): “A construção da linguagem oral não é linear e ocorre em um processo de aproximações sucessivas com a fala do outro, seja ela do pai, da mãe, do professor, dos amigos ou aquelas ouvidas na televisão, no rádio etc.” (p.126). Reforça-se, desse modo, a importância das diversas interações verbais, inclusive aquelas mediadas por livros e histórias apresentados por adultos.

Ainda no campo das iniciativas governamentais, em 2006 foi formulado o Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL), que tem como objetivo garantir o acesso ao livro literário, à leitura e a espaços específicos para realização destas atividades nas escolas, entendidos como instrumentos fundamentais para a formação de leitores. Embora não trate especificamente do papel da família, o PNLL indica que a leitura precisa estar presente em diferentes esferas da vida social, desde das etapas iniciais da vida. Em uma série histórica de pesquisas que abrangem todo território brasileiro, realizadas pelo Instituto Pro-Livro⁴, destaca-se que as atividades de leitura realizadas em família criam uma proximidade entre as gerações que contribui de forma significativa para o desenvolvimento de hábitos de leitura. Os dados apontam, ainda, que no espaço escolar, os mediadores devem adotar diferentes estratégias e mobilizar recursos para formar leitores.

Na versão da pesquisa realizada em 2011, os resultados encontrados apontam que os maiores influenciadores do leitor ao ato de ler são os professores

⁴ <http://prolivro.org.br/home/index.php/atuacao/25-projetos/pesquisas/3900-pesquisa-retratos-da-leitura-no-brasil-48>

com 45%, a mãe com 43%, o pai com 17% e outros parentes com 14%. Esse dado também reforça o argumento do papel complementar entre a família e a escola na formação de leitores.

Nesta direção, os estudos na área - tanto aqueles que abordam as relações escola e família quanto os que tratam da introdução das crianças menores de 5 anos ao mundo da leitura e das histórias -, bem como a legislação e documentos norteadores de políticas na área da leitura convergem para uma mesma conclusão: família e escola têm um papel relevante na formação de leitores na etapa da Educação Infantil. Diante desse pressuposto, levantamos como objetivo principal desta investigação: Levantar que importância os pais e professores atribuem às famílias e à escola na formação leitora das crianças na Educação Infantil. Definimos como objetivos específicos identificar como: os professores veem sua participação no desenvolvimento literário da criança; os professores caracterizam a influência da família no desenvolvimento literário do aluno; os familiares percebem sua influência no desenvolvimento literário do aluno; a família caracteriza a influência da escola no desenvolvimento literário da criança.

Neste artigo, inicialmente tratamos como a literatura se insere na etapa da Educação Infantil para em seguida refletir sobre as relações entre família e escola na formação leitora. Na sequência, apresentamos o caminho metodológico adotado neste estudo, os principais resultados e fizemos algumas considerações a partir da pesquisa concluída.

1 Literatura infantil e suas contribuições na Educação Infantil

A literatura infantil é de grande relevância para o desenvolvimento da criança. Desde muito cedo interagem com livros e narrativas das mais diversas formas, sempre curiosas, com o intuito de explorar e manusear os materiais e compartilhar com os adultos momentos de leitura. É da infância que parte todo o processo de desenvolvimento e possibilidades para que a leitura faça parte das diferentes esferas da vida.

Na etapa da Educação Infantil, sabemos que a criança que participa de eventos de leitura pode se beneficiar em vários aspectos, tanto cognitivos quanto afetivos e sociais. Mesmo ainda não sabendo ler com autonomia, através das imagens, cores e outras características do livro e das situações de leitura das quais

participa, as crianças vão aprendendo, como afirma Freire (1992) que a leitura de mundo precede a leitura da palavra. Além disso, na interação mediada por adultos, desenvolve habilidades de leitor ativo antes mesmo de se apropriar do sistema de escrita (BRANDÃO e ROSA, 2011).

Então, o contato desde cedo com a produção literária, com a poética e as narrativas que compõem os diferentes gêneros presentes na literatura infantil, pode contribuir para a constituição da personalidade da criança e para seu desenvolvimento intelectual, particularmente no campo da linguagem, ao provocar situações em que a criança possa se expressar na interação com histórias e outros textos. Assim, o modo como se lê com as crianças pode conduzi-las, “à compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica [o que] implica a percepção das relações entre o texto e o contexto” (FREIRE, 1992, p.11).

Além disso, a literatura infantil, está intimamente ligada à imaginação da criança, por isso a importância de mediações de leitura e contação de histórias na etapa da Educação Infantil. Nesta direção, Coelho (2000, p.16) afirma que:

A escola é, hoje, o espaço privilegiado, em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo. E, nesse espaço, privilegiando os estudos literários, pois, de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do “eu” em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis, e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da língua, da expressão verbal significativa e consciente condição para a plena realidade do ser.

Nas atividades de mediação de leitura e na contação de histórias, o educador se apresenta como referência para as crianças. A gesticulação, as modulações na emissão da voz, o uso de fantoches ou outros objetos que remetam aos textos, a organização do ambiente, todas essas mediações fazem com que as crianças pequenas fiquem atentas às histórias, sendo muitas vezes capazes de recriar seu conteúdo e evidenciar que entenderam o que foi lido ao falar, representar, brincar, desenhar. O esforço de recontar o que ouviram, por exemplo, faz com que as crianças desenvolvam diversas habilidades, tanto no campo da oralidade quanto da sensibilidade para o fazer artístico. Nessa direção para que a leitura em voz alta de histórias, poemas ou outros gêneros se torne prazerosa, são necessárias uma boa expressão e uma competência para envolver o leitor com a narrativa. Conforme afirma Abramovich (2006, p.18):

Contar histórias é uma arte... E tão linda! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por não e nem remotamente declamação ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz. Daí que quando se vai ler uma história seja qual for-para a criança, não se pode fazer isso de qualquer jeito, pegando o primeiro livro que se vê na estante.

Alguns estudos na área podem ser destacados, pois reforçam nosso argumento de que a literatura infantil tem um caráter formativo para os leitores, ainda quando estão na etapa da Educação Infantil.

Em sua pesquisa, Onesti (2014) destaca um fator positivo para realização de contação de histórias com literatura infantil na etapa da Educação Infantil, com ênfase para a intervenção do professor. Conforme conclui esse estudo, ao apresentar às crianças um repertório diverso de literatura, onde as crianças conheçam outras realidades diferentes do seu contexto familiar e social, professores contribuem para o processo educativo pois as crianças evidenciam aprendizagens no campo do senso crítico e da capacidade argumentativa.

Para que o professor seja mediador de leitura literária é preciso ter entusiasmo em ler, criando oportunidades de mobilizar seu mundo imaginário, contribuindo para a familiaridade com os livros e situações de leitura, o que certamente repercutirá em outras etapas da vida e da escolarização.

A educação literária, assim como outras aquisições na área da linguagem dependem da participação das crianças em situações reais de interação e comunicação em que possam ver o adulto realizando atos de leitura. Johns e Vanleirsburg (2001) afirmam, tendo como referência o estudo de Cambourne (1991) que: “crianças aprendem a falar por ouvir a linguagem oral da família, o mesmo acontece em sala, professores que amam livros e a leitura, são inspiradores para os alunos que tendem a copiar os comportamentos de quem respeitam e admiram” (apud Santos, 2017,p.8).

Além da intervenção direta de professores quando leem junto com as crianças, outras esferas de mediação literária também podem estar presentes na Educação Infantil. Organizar um cantinho da leitura, realizar uma visita à biblioteca, promover encontros com escritores e contadores de histórias são exemplos de modos de aproximar crianças, livros e histórias. Também é importante que os educandos possam fazer o manuseio e ter contato diário com os livros. Desse modo, entende-se que

a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um campo importante para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade. Por isso, o educador deve adotar uma postura criativa que estimule o desenvolvimento integral da criança. (ZILBERMAN, 2003, p.16)

Ressalta-se, portanto, a importância de propiciar atividades que estimulem a criatividade e interação dos alunos com os livros e suas histórias, que essas vivências estejam presentes desde a etapa da Educação Infantil e que promovam aprendizagens e desenvolvimento das crianças.

Desse modo, a literatura infantil se configura como ferramenta e estratégia para o desenvolvimento do indivíduo e pode contribuir para sua aprendizagem da leitura e formação enquanto leitor. Para que a literatura cumpra esse papel é preciso que as instituições que envolvem a infância estejam presentes nesse processo. É o que será discutido na próxima seção deste artigo.

2 Relação família e escola na formação de leitores literários

Para tratar o papel da família na formação de leitores literários é necessário discutir, mesmo que brevemente, como a leitura está presente no desenvolvimento da linguagem.

No processo de desenvolvimento da linguagem vão se constituindo as possibilidades de comunicação oral e de expressão da subjetividade, o que é fundamental para a formação da identidade. Diversos estudos (LIMA e ARRUDA, 2014; WETHERBY e SHUMWAY, 2006; HALT e RISLEY, 1995), destacam que o nível de escolarização das famílias favorece a existência de um ambiente que repercute nos modos de inserção de crianças pequenas em práticas de interação verbal. É na família onde mais usualmente se iniciam as interações sociais e é nela que se inicia o desenvolvimento sociocultural da criança pequena. É no âmbito da família que se estabelecem os primeiros hábitos, influências e gostos. A convivência familiar também influencia quando oferece modelos de condutas no campo das interações verbais.

Neste sentido, quando os familiares apresentam aos filhos livros de diferentes gêneros literários e engajam as crianças em situações de leitura e contação de histórias criam oportunidades de interação verbal, sendo possível

esperar que essas práticas contribuam na formação leitora. Desse modo, entende-se que

Quanto mais cedo os pais leem mais chances seus filhos têm de se tornar leitores. Segundo estudo francês o exemplo dos pais é tão forte em alguns casos, sobrepõe-se à escolaridade ou à profissão de seus filhos (RIBEIRO, 2003, p.141)

Desse modo, para Ribeiro (2003) os pais podem contribuir de diversas formas para o progresso de seus filhos na cultura escrita, particularmente quando oferecem oportunidades de leitura e outras formas de estímulo intelectual.

Conforme defendem especialistas na área, a leitura de textos literários é importante até mesmo com a criança ainda no ventre da mãe, já que existem indícios de que os fetos podem reagir a estímulos como a voz materna enquanto canta ou narra histórias (LOPÉZ, 2016). Os pais que motivam seus filhos nos primeiros anos de vida, criando situações de leitura compartilhada e manuseio livre de livros contribuem para seu desenvolvimento linguístico, cognitivo e socioemocional, criando condições que favorecem suas habilidades de leitura.

Além das intervenções na esfera familiar, cabe à escola o papel de ampliar e complementar o que a família já realiza, sendo que desta parceria resulta um maior interesse e participação dos educandos em situações de leitura promovidas no ambiente escolar, contribuindo para que a leitura seja algo prazeroso e que motive a criança a buscar novas interações com livros e histórias. Entende-se que

O desenvolvimento e hábitos permanentes de leitura é um processo constante, que começa no lar, aperfeiçoa-se na escola vida a fora, através das influências da atmosfera cultural geral e dos esforços conscientes da educação e das bibliotecas públicas. (BAMBERGER, 2002, p. 920).

Desse modo, podemos afirmar que cabe a um leque amplo de instituições promover ações de aproximação com a literatura. Embora a família tenha uma contribuição importante nesse campo, a não contribuição dos pais, muitas vezes não deve ser vista como irresponsabilidade ou falta de interesse sobre a formação da criança leitora, mas como consequência da falta de conhecimento acerca dessa contribuição, por não haver disponibilidade de tempo ou até mesmo quando os pais não são escolarizados ou são analfabetos⁵.

⁵ Como podemos identificar em uma pesquisa realizada pelo IBGE (2018): “a taxa de analfabetismo da população com 15 anos ou mais de idade no Brasil caiu de 7,2% em 2016 para 7,0% em 2017,

Diante dessas circunstâncias, muitas vezes as famílias consideram que não têm condições de contribuir para esse desenvolvimento, pois se encontram longe dos livros e das práticas de leitura literária. Quando a criança está inserida em algum desses contextos em que a leitura e os livros estão distantes do cotidiano, a escola passa a cumprir um papel, mais do que complementar, de introdução da modalidade escrita, aproximando a criança do mundo dos livros. No contexto de muitas famílias,

Não é porque essa família queira, não é porque ela seja má, não é porque ela seja burra, não é porque seja marginal ou delinquente, mas por conta da divisão da riqueza e do acesso aos recursos, à saúde, à educação, à vida decente, à moradia, etc., que não lhes permite ter aquele mínimo que a escola pública de antigamente exigia para poder aprender. (PARO, 2016, p.41).

Mesmo nesses contextos de exclusão, podemos identificar a importância de estabelecer uma relação entre a escola e a família já que compartilham o mesmo objetivo sobre a formação do aluno. Dessa forma, a escola pode criar meios para que os familiares possam assumir também sua função de contribuir para a formação de leitores. Neste sentido, mesmo quando a criança não traz essa experiência de seu ambiente familiar, a introdução da leitura literária na escola pode ocorrer desde a Educação Infantil e ter na escola o veículo para a mobilização de práticas de leitura também no ambiente familiar.

Diversos mecanismos podem ser desencadeados pela escola nesse sentido: convidar os pais para palestras, reuniões que destaquem a importância de parceria na formação leitora, disponibilizando livros para serem emprestados e levados para casa ou promovendo projetos nos quais os familiares participem juntamente com seus filhos compartilhando livros e práticas de leitura. Portanto, é preciso compreender que “Se toda pessoa tem direito a educação, é evidente que os pais também possuem o direito de serem, senão educados ao menos informados no tocante a melhor educação proporcionar a seus filhos”. (PIAGET, 2007, p.50)

Desse modo, o autor indica que os pais precisam sim, muitas vezes serem informados de que maneira podem contribuir para melhorar o rendimento do educando, podendo ainda compreender melhor os filhos e a significação da leitura para seu desenvolvimento. Porém, segundo Brandão e Rosa (2011), “o

mas não alcançou o índice de 6,5% estipulado, ainda para 2015, pelo Plano nacional de Educação (PNE)”.

reconhecimento da importância da relação família-educadores não conduz, necessariamente, a práticas que garantam uma comunhão de ações no sentido de favorecer o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças” (p.165).

No que tange especificamente às aproximações com a literatura, para que a relação entre família e escola gere interações positivas é preciso que a criança participe regularmente de práticas de leitura tanto no ambiente familiar quanto na escola, com mediações de qualidade que evidenciem que a leitura é um ato de elaboração de sentido, de comunicação, de aproximação afetiva entre mediador e criança leitora.

O professor que traz para suas aulas um momento de leitura em que os alunos participem ativamente – ao ouvir, ler e contar histórias -, reflete de forma positiva para uma formação de leitores que se engajam e mobilizam em torno da leitura. Baldi (2010) destaca que existem múltiplas finalidades para a leitura literária na escola. Conforme argumenta, a leitura literária contribui para desenvolver nos educandos o gosto e o prazer pela leitura e para que descubram os encantos da literatura como forma de arte. Também se configura como uma forma de alimentar a imaginação, de fazer com que conheçam melhor o mundo e a si mesmos, tornando-se seres mais críticos, criativos e sensíveis.

Família e escola são, portanto, importantes na formação de leitores. A questão que mobilizou a presente pesquisa foi saber como familiares e educadores que atuam na Educação Infantil percebem os papéis que cada um desempenha neste campo.

3 Procedimentos metodológicos

Nesta pesquisa, que teve uma abordagem qualitativa e que teve um caráter descritivo e exploratório, buscamos compreender o processo de integração escola família para o desenvolvimento leitor literário de crianças da Educação Infantil.

A pesquisa caracterizou-se por uma aproximação com o campo a ser investigado, conduzida por perguntas previamente elaboradas, porém com a disposição de buscar uma aproximação com a realidade, que é reconhecida como complexa e multifacetada (FONSECA, 2002).

A presente pesquisa foi com realizada em salas de grupos 3 e 4 da Educação Infantil de três Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs) da Rede de Ensino do Recife, todas localizadas no bairro do Ibura. O critério de escolha dessas unidades foi a explicitação no projeto político pedagógico da existência de interesse por parte da instituição em se aproximar do contexto familiar, através da realização de projetos de integração escola-família.

O procedimento de coleta utilizado foi a realização de um conjunto de entrevistas semiestruturadas, já que, para Manzini (1990/1991, p. 154),

A entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista.

Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

As entrevistas semiestruturadas e que seguiram um roteiro que tratava das mesmas temáticas envolveram familiares das crianças e educadores, constituídos por professores e Auxiliares de Desenvolvimento Infantil (ADIs).

A coleta de dados aconteceu nas dependências de cada CMEI e contou com a colaboração das equipes gestoras para os contatos tanto com educadores quanto com familiares. As entrevistas com os profissionais foram realizadas no local de trabalho dos mesmos. Quanto aos ADIs entrevistados esclarecemos que na rede municipal de ensino do Recife esses profissionais só atuam até o G3, portanto não foram contemplados para o G4.

Para as entrevistas com os familiares, fomos nos horários de entrada e saídas dos alunos nas instituições e conforme os familiares chegavam para levar ou buscar as crianças, a responsável pelo CMEI nos mostrava quem eram de cada um dos grupos que estávamos buscando. Prontamente nos apresentávamos aos familiares, esclarecíamos o objetivo da pesquisa e solicitávamos sua participação e termo de consentimento.

O quadro 1, a seguir, apresenta a distribuição dos entrevistados por Unidade de Ensino Infantil (UEI) e por categorias (familiares, professoras e ADIs).

LOCAL	FAMILIARES (F)		PROFESSORAS (P)		ADIs (A)		TOTAL
	G3	G4	G3	G4	G3	G4	
UEI 1	2	2	1	1	1M	X	7
UEI 2	2	2	1	1	1H	X	7
UEI 3	4	X	1	1	2M	X	8
							22

Quadro 1: Identificação dos participantes, por categoria.

Fonte: As autoras, 2019.

Com exceção do G4 que não tinha ADI, de cada grupo entrevistamos a professora, os ADI e dois familiares. No total foram 23 pessoas abordadas, 8 professores, 6 ADIs, 2 pais, 1 avô e as demais foram mães.

Para atender também ao critério de contemplar de forma equilibrada familiares de meninos e de meninas, buscamos de cada grupo 4 e 3, um entrevistado responsável por menino e outro por menina, como mostra o quadro 2, abaixo.

Quadro 2: Distribuição das categorias de familiares e gênero das crianças.

LOCAL	MÃE		PAI		AVÔ		TIA	
	Menina	Menino	Menina	Menino	Menina	Menino	Menina	Menino
UEI 1	2	2						
UEI 2	1	1		1				1
UEI 3	1	1		1	1			

Fonte: As autoras, 2019.

Nas entrevistas também pudemos ver o nível de escolaridade dos participantes e nível de parentesco dos familiares entrevistados. Podemos ver que dos 12 nenhum cursou o ensino superior, dos 4 ADIs metade (2) têm nível superior e dos professores todos cursaram o nível superior.

Como procedimento de análise, as respostas foram agrupadas por temática abordada, embora tenhamos optado por apresentar os resultados indicando se

houve confluência ou não entre as respostas dadas por familiares, por professores e por ADIs.

4 Análise dos dados

Como afirmamos acima, na exposição dos resultados e análise dos dados gerados na pesquisa optamos por apresentar de forma integrada as falas de familiares, de professoras e de ADI, tendo como referência as dimensões apontadas quanto à formação de leitores, quais sejam: o papel da família; o papel da escola e a relação família-escola.

Na análise, buscamos agrupar respostas que expressavam ideias similares, para em seguida indicar a frequência com que apareceram e apontar as tendências identificadas e como essas respostas expressam modos de compreender a importância da família e da escola na formação de leitores na etapa da Educação Infantil.

O papel das famílias: mais incentivo que mediação de leitura.

Todos reconhecem o papel da família, porém não identificam muitas práticas de leitura literária fora da escola.

Para a maioria dos entrevistados, incluindo professores, ADIs e familiares, a participação da família foi considerada como um fator importante na formação leitora das crianças pequenas.

Identificamos esse posicionamento na fala de 4 das 6 professoras entrevistadas, quando afirmam a importância dos familiares, embora considerem que este fator não garante necessariamente, que haja um bom desenvolvimento leitor das crianças. Nesta direção, P4 afirma que: “Na questão da leitura, tem alunos que recebem influência [da família] e se desenvolvem bem, mas ainda tem crianças que mesmo com um acompanhamento não têm uma boa resposta”. Essa reflexão também é defendida por estudiosos da área como Brandão e Rosa (2011, p. 165) quando afirmam: “o reconhecimento da importância da relação família-educadores não conduz, necessariamente, a práticas que garantam uma comunhão de ações no sentido de favorecer o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças”.

As 2 professoras que divergiram não negam a importância da participação dos pais, porém avaliam que em sua experiência docente muitas vezes as famílias não contribuem efetivamente para a formação leitora das crianças e não incentivam

comportamentos leitores ou realizam práticas de leitura no ambiente doméstico. Chama a nossa atenção o fato de que essas duas professoras são, dentro do grupo pesquisado, as com um tempo relativamente médio de carreira como docente, com 9 e 17 anos como docentes, P2 e P3 respectivamente. Com isso, supomos que por suas experiências com o âmbito escolar e com diversas famílias, conseguem perceber que embora muitos digam que acham a leitura importante para seus filhos, efetivamente se omitem na formação leitora das crianças. Assim, P2 considera que:

Infelizmente muitos pais não valorizam isso, eles estão nesse processo. Embora a gente aqui especificamente na instituição procure trabalhar muito isso com eles nas festividades, histórias para os próprios pais, ainda se tem dificuldade. Mas é muito importante que eles incentivem os filhos”.

As 4 ADIs entrevistadas, mesmo considerando que 3 delas não têm uma formação na área da educação, reconhecem, a partir de suas vivências em sala de aula, o quanto a participação da família é fundamental nesse processo de incentivo à leitura literária. Uma delas destaca, em sua fala, a relevância de um projeto promovido pela prefeitura do Recife voltado às crianças da Educação Infantil e como consegue integrar a família na formação leitora de seus filhos:

[...] eu acho que no ano passado com a distribuição de livrinhos, querendo ou não faz com que os pais ativem o desejo, que às vezes passam mais tempo aqui do que em casa. Mas hoje a gente trabalha em conjunto com os pais, as mães às vezes postam nas redes sociais, contando histórias de um livro da creche. (A1)

O projeto ao qual a ADI se refere disponibiliza um “baú literário” composto por um acervo que a creche recebe e que pode disponibilizar para que as crianças levem livros para casa. Conforme indica um documento da Secretaria de Educação do Recife:

Em relação aos baús literários, salientamos que cada um deles contém 40 livros de literatura infantil que devem ficar disponíveis nas salas de aula da Educação Infantil. Os estudantes das turmas do Berçário ao Grupo III recebem kits com 11 livros, enquanto que os dos Grupos IV e V recebem 6 livros. Esses livros poderão ser levados para casa, conforme orientações pedagógicas, constantes no Ofício Circular nº 203/2017 GAB-SEDUC, publicado em 21/06/2017. O objetivo da ampliação do acervo literário das crianças é contribuir para o processo de formação dos pequenos leitores, favorecendo a imaginação, a criatividade, a interpretação de imagens e o desenvolvimento da oralidade, além de estimular a prática prazerosa da

leitura, com a ajuda das famílias, contribuindo para a efetivação da meta do Programa de Letramento do Recife (PROLER) ⁶.

Essa iniciativa da prefeitura do Recife parece ter um efeito positivo num contexto onde sabemos da dificuldade financeira que os pais têm para uma possível compra de livros. As creches nas quais realizamos nossa pesquisa estão situadas em uma localidade com baixos índices socioeconômicos, o que provavelmente indica que o acesso a livros é mais difícil porque os pais não têm condição financeira que favoreça a compra de livros para seus filhos.

Como já apontado no referencial teórico, diversos mecanismos podem ser desencadeados pela escola para favorecer que as famílias possam se integrar às ações de formação de leitores. Nesse sentido, a existência de projetos como o baú literário, em alguma medida pode contribuir para que as famílias se engajem na formação leitora das crianças.

Quanto às respostas dadas pelos 13 familiares participantes da pesquisa, todos com exceção de uma mãe⁷ demonstraram que consideram ser importante o incentivo por parte da família no contato das crianças com livros e literatura. Desse grupo, 5 destacaram que seu papel como familiar é incentivar a criança em seus estudos e na leitura, embora não se coloquem como mediadores de leitura, como é possível perceber na fala a seguir:

Nós somos os espelhos deles, a gente vai incentivando pra eles lerem, a gente vai fazendo o papel de pai e mãe, como educar dentro de casa e almejando que eles façam o mesmo papel na escola. (F4)

Chama nossa atenção o fato de que nenhum familiar toma para si a responsabilidade total de ser o único responsável para motivar e ensinar seu filho a ter gosto pela leitura, sempre colocando um papel complementar à escola:

⁶http://www.portaldaeducacao.recife.pe.gov.br/sites/default/files/reenvio_oficio_circular_no_293.2017_brin_queducar_informacoes.pdf

⁷ Esclarecemos que, apesar de nossos esclarecimentos essa entrevistada se recusou a responder a qualquer das questões formuladas, embora tenha se disponibilizado para participar da pesquisa. Entendemos que uma hipótese para explicar essa situação é o fato de que ela talvez não tenha se sentido à vontade para na situação de entrevista expor suas opiniões. Consideramos que não é que ela não conhecesse seu filho (a), mas que naquele momento, por alguma inibição por sermos estudantes universitárias, ela pode ter considerado que não teria nenhuma contribuição para nossa pesquisa ou que pudesse dizer algo que nós já não soubéssemos. Isso parece refletir o que Paro (2016, p. 10) afirma ao analisar como pessoas de camadas sociais menos favorecidas muitas vezes se acham incapacitados para contribuir na escolarização de seus filhos.

é muito importante a escola, [ela] ajuda bastante, 50%, e os pais também ajudam 50%, quando o aluno fica mais na escola, ajuda bastante. (Pai F1).

Desse modo percebemos o quanto os familiares atribuem à escola uma parcela significativa de responsabilidade em tornar seu filho leitor, não atribuindo à família um papel que possa substituir a escola. Esse tipo de posicionamento nos faz refletir sobre projetos e lei como aquele que regula a educação domiciliar de crianças e adolescentes, prática conhecida como *homeschooling*, assinada pelo presidente Jair Bolsonaro de forma provisória no dia 11 de maio de 2019, pois se distancia das condições vividas pela maioria da sociedade brasileira. A ministra Damares Alves, responsável pelo tema, afirmou que “o pai que senta com o aluno duas, três horas por dia, pode estar aplicando mais conteúdo que a escola durante quatro, cinco horas por dia”⁸. No entanto, essa não parece ser a posição defendida pelos nossos entrevistados que reconhecem na escola possibilidades que o ambiente familiar não dispõe. Como diz um familiar:

o papel da escola acaba sendo fundamental, porque a maioria do tempo dele agora na escola, ele passa o dia todo. E principalmente as reuniões que tem aqui na creche, eles passam para gente mostrar a gente através de vídeos e de fotos o que é a creche, não é simplesmente um lugar que vem bota o filho e ele vai riscar um papel, não, através dali eles aprendem, em relação a tudo, música, leitura o convívio, o habitar com outras crianças, então o papel da creche hoje em dia tá sendo muito importante para ele [...] (F11)

Quando perguntamos para os familiares se leem para seus filhos, 10 dos 13 entrevistados afirmaram que sim. As duas que disseram que não leem foram uma tia e uma avó e justificaram suas respostas dizendo que a responsabilidade é dos pais. Dos 10 que costumam ler para seus filhos, 6 fazem isso no período antes de dormir, uma delas destaca que essa leitura ocorre:

Quando tenho tempo. Nos sábados e domingos que são minhas folgas, além de contar para meus filhos, chamo os vizinhos e faço tipo uma escolinha. (F2)

Com isso, entendemos que os pais consideram que seu papel principal é de incentivo, e que reconhecem dificuldades conjunturais para ter uma atuação diária deles na vida leitora de seus filhos. As razões para que muitos não participem mais de perto da formação leitora das crianças é atribuída por eles à falta de tempo ou por achar que a escola fará melhor esse papel na vida de seus filhos, embora se esforcem em participar como podem. Desse modo, a presença dos pais é mais

⁸ <https://g1.globo.com/politica/blog/andreia-sadi/post/2019/01/25/damares-educacao-domiciliar-permite-a-pais-ensinar-mais-conteudo-e-gerenciar-aprendizado.ghtml>

como incentivadores do que como mediadores de leitura literária, de modo regular, junto às crianças.

Papel da escola: para além do incentivo, práticas de leitura

Todos reconhecem também o papel de incentivo da escola, porém acrescentam a isso a importância de realizarem diferentes práticas de leitura literária.

Embora a pesquisa tenha sido realizada em unidades de Educação Infantil que desenvolvem práticas distintas de leitura literária, nas três creches encontramos uma unanimidade por parte dos professores e ADIs quando dizem considerar importante sua participação na formação leitora de seus alunos.

A partir do que foi dito por professores e ADIs, percebemos a importância que atribuem aos momentos de leitura literária nessa faixa etária, em alguns aspectos. Enxergam-se como exemplos para realização dessa prática e entendem que a presença das crianças pequenas no espaço escolar lhes garante a oportunidade de ter contato com a literatura em algum momento, visto que algumas crianças estão inseridas em um contexto social que as mantém distantes do contato com a leitura de livros literários, recaindo só para escola a responsabilidade de assegurar o acesso a livros. A fala de P6 exemplifica o tipo de resposta que foi mais frequente entre esses educadores

Acho que é refinar esse gosto, fazer esse momento uma coisa bem prazerosa, estimular, eles se sentir confortáveis, esses momentos de prazer, seja divertido, acho que isso é incentivo a crescerem leitores, momentos de imaginação, você é levado pra outro universo das histórias na família também, do convívio de alguns pais, leem mais, tem pais que trabalham o dia todinho, aquele momento de interação com os filhos, isso faz um, link de afeto de prazer, eu acredito que isso faz um laço de afeto e prazer, eu acredito que essa importância esse é o caminho, você torna esse momento muito prazeroso, prender a atenção da criança, eu conto a história e eles estão imaginando, por isso o estímulo [...]

Neste grupo, dois ADIs se mostraram insatisfeitos pela falta de reconhecimento, pois na prática destacam que têm um trabalho semelhante ao do professor, já que precisam criar atividades pedagógicas e são responsáveis pelas turmas, embora nem sempre sejam vistos como educadores. Como destacamos anteriormente, todos os ADIs possuem formações distintas, apenas A4 possui formação na área da educação. É, justamente A4 que considera:

Acho de muita importância, porque assim como o professor a gente também tem importância, apesar da prefeitura não designar nossa competência como sendo de magistério de educação no editado, a gente fala como administrativo, mas na verdade temos todo cuidado que o professor tem com a educação também. Leitura de livros, cantores de cantigas, tanto pela tarde, também principalmente que não tem professor e de manhã nós auxiliamos os professores. À tarde os alunos também fazem atividades pedagógicas, as meninas da tarde quando fazem, são atividades criadas por elas.

Dos 12 entrevistados familiares, 7 entrevistados afirmam não cobrar da creche o incentivo à leitura de literatura e não buscam isso por perceberem através de reuniões e cotidiano dos filhos, que as creches já executam bem seu papel neste campo, como afirma F1: “Não, acredito que não, aqui (CMEI) eu vejo sempre que vou a reunião, sempre vejo a escola dando livros, até as crianças menores que não sabem ler”.

Quando perguntados sobre o papel da escola em sua própria formação como leitores, dos três grupos entrevistados, 15 pessoas disseram que a escola contribuiu com o incentivo ao gosto por leitura literária. No grupo de familiares, dos 12 familiares 9 afirmaram que a escola contribuiu com esse incentivo. Para muitos, que não têm o contato com o livro em casa, a escola deve ser o local onde as crianças possam ter o maior contato com a leitura, sendo a escola a maior responsável por incentivar a leitura literária e em apresentar projetos e exposições a livros nos quais as crianças possam se aproximar de outras realidades. Como podemos ver na fala a seguir:

Contar histórias, apresentar livros a eles ir além de contar histórias, toda criança vai se encantar, mas também é preciso apresentar livros pra que eles entendam que a história sai daquele livro, que se precisa de uma escrita, preciso de uma leitura, então eu acho que seja importante pra eles, que quando a criança chegar em casa falar o que aconteceu na escola, despertar nos pais a leitura e isso vai incentivando (P1)

Entre os que responderam que a escola não incentivou na sua forma de ser leitor, encontramos apenas o ADI A2, o único que não possui ensino superior e também destaca “não lembrar” se a família também o incentivou a ser leitor. Metade do grupo de professores destaca ao responder que a influência vinha de casa ou de parentes como exemplos de leitores de livros.

Percebemos nas diversas falas que, mesmo sem os recursos que temos atualmente nas escolas e creches, a instituição escolar é reconhecida como um espaço onde se realizam práticas de leitura quer seja num modelo mais tradicional

quer seja com modos que incentivem uma maior interação entre leitores, mediadores e textos.

De um modo geral, tanto educadores quanto familiares entrevistados reconhecem que a escola tem um papel importante no contato das crianças pequenas com livros e seu envolvimento em momentos de leitura. Educadores são vistos como modelos para os pequenos leitores, ao mesmo tempo em que desenvolvem diferentes atividades que aproximam as crianças de livros e de histórias.

Eu acho que a escola é fundamental no incentivo a criança a ler. No caso a criança vai aprender na escola, aí ela chega em casa e a gente que continua o que a escola está ensinando. (F9)

O professor é de fundamental importância né [...] constantemente tá aí, fazendo atividades na escola e incentivando no cuidado com os livros já é um bom caminho. (P3)

Foteski, Oliveira e Valério (2001,p.124) afirmam que

O professor é antes de tudo promotor de leitura e formador de leitores. O docente deve ser um profissional comprometido com o projeto de leitura e apresentar estratégias para orientar seus alunos, tornando-se assim, um mediador do processo, abrindo espaços, lançando desafios, valorizando a caminhada dos alunos, desenvolvendo competências nas dimensões cognitivas, emocionais, sensoriais e culturais.

Portanto, conforme apontam os dados gerados neste estudo, o professor é percebido como mediador ao desafiar e criar caminhos para que os alunos possam desfrutar da leitura e construir saberes a partir dela. Desse modo, destaca-se não apenas como incentivador (como ocorre com as famílias), mas também realiza uma diversidade de práticas de leitura que contribuem efetivamente para aproximar crianças de livros e da literatura.

Relação família/escola: uma complementação que pende mais para um lado

Sobre a relação família/escola na formação literária, todos os participantes da pesquisa afirmaram que a parceria entre ambas é relevante.

Encontramos esse resultado quando perguntamos aos familiares se a escola era a total responsável, em tornar seu filho leitor e todas afirmaram que não, que a

família precisa entrar em parceria com a escola para obter um melhor resultado para as crianças quando se trata da leitura literária. Todo o grupo entrevistado percebe que seu incentivo para essa formação é preciso para obter um resultado futuro e tornar essas crianças leitores literários. Como podemos ver nesta fala:

Não, porque a escola tem que estar unida com a família. Não adianta principalmente os pais colocar a escola como uma obrigação de ensinar, tem que ter a união entre a escola e os pais. (F6)

Os entrevistados defendem que escola e família estejam unidas em ações que conduzam à formação leitora das crianças. Exemplos dessa defesa aparecem nas falas selecionadas a seguir:

Eu vejo essa relação... Fundamental. Como eu já disse, tem que existir esse trabalho em conjunto, às vezes fica muito a cargo do professor e da escola, essa questão de educar de refinar o gosto pela literatura, pelo conhecimento, pela curiosidade, pela criatividade. Só que é um trabalho em conjunto, a escola não trabalha sozinha. É importante que os pais tenham consciência disso, não é só a escola, é um conjunto. (P6)

A responsabilidade não é só da escola, tem que vim da família, até de amigos mesmo, que se você tiver amigos próximos que goste de leitura, vai incentivar muito mais. Mas só da a escola pra mim não é. (F12)

Também observamos que existe uma compreensão da complementaridade entre família e escola quando indagamos sobre as experiências pessoais dos entrevistados. Neste caso, 9 dos 12 entrevistados disseram que as suas famílias não incentivavam a leitura, embora todos afirmaram que é importante esse incentivo. Nesse sentido, eles percebem o quanto esse incentivo fez falta e isso os mobiliza para fazer diferente, contribuindo para melhoria dessas crianças no incentivo à leitura literária. Esse resultado é semelhante ao encontrado por Batista, Pinheiro, Campelo, Rocha E Martinho (2016) em seu estudo que evidencia também em turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental que a escola necessita se concentrar como uma instituição que preze pela questão sociocultural para tornar mais eficaz o processo educacional. Desta forma, a escola deve considerar a grande importância que a participação familiar tem sobre o aprendizado do aluno.

Dos três grupos entrevistados, o que mais afirma que em sua experiência pessoal teve influência dos familiares foram os de professores, Neste grupo, 5 dos 6 entrevistados afirmam que foram incentivados e tiveram os familiares como incentivadores e referência ao gosto pela leitura, uma delas ainda diz que foi um dos

motivos ao qual facilitou ela ser uma boa mediadora em sua sala de aula. Podemos ver isso em sua fala:

Meu pai era um leitor fora do sério, meu pai lia de tudo, ele, leu o dicionário do início ao fim, a gente perguntava a ele o significado das palavras e ele sabia. Pra mim, isso foi muito importante e incentivou bastante na minha formação. Na minha casa tinha uma estante cheia de livros, e minha avó contava histórias de livros, minha mãe contava histórias criadas. Hoje eu adoro contar e ouvir histórias, isso veio mesmo do meu lado pessoal, até porque a maioria das pessoas precisam de uma formação para contar histórias, eu nunca tive dificuldade, eu pego um livro e conto qualquer uma. E como já falei, os meninos ficam encantados, ficam presos à leitura e acho que isso é devido a contribuição da minha família. (P1)

Para somente um dos 12 familiares entrevistados, nem a escola nem a família não contribuíram para a sua formação leitora. Ele diz que recentemente é mais presente a leitura na escola por ter acontecido mudanças nos governos atuais, que proporcionam uma melhor formação para os alunos. Ele acredita que essa ausência de motivação de familiares e escola acarretou no seu futuro profissional, que se a escola tivesse as mesmas oportunidades que nos dias atuais ele não teria se tornado vigilante. Em sua avaliação:

Eu gostaria que voltasse no tempo. O que o governo faz hoje pelas crianças fizesse no meu período, o que as crianças hoje têm, a geração tem, eu não tinha. Hoje tem tudo. Eu acho que nem vigilante eu seria, teria feito faculdade. Era muito pesado na minha época. (F10)

Como podemos ver na fala desse familiar, a falta de incentivo, pode acarretar na consequência de não ter vivenciado uma formação leitora que desejava, um curso superior, que os pais quando afirmam a importância da parceria entre elas, na verdade percebem isso por terem vivido consequência com a ausência de motivação e buscam um futuro diferente para seus filhos.

Se compararmos os depoimentos de P1 e de F10, podemos ver que a professora que tem curso superior, se tornou professora e é satisfeita com o que vivenciou na infância em relação à literatura e temos o F10 que é insatisfeito com sua profissão e afirma que foi por falta de oportunidade e influência, afirmando em sua fala que se tivesse ao menos um incentivo, tudo seria diferente. Concluímos que o incentivo seja familiar ou por parte da escola, pode trazer mudanças significativas na vida do estudante.

Na pesquisa conduzida por Farias (2010) realizada em um bairro da periferia de Fortaleza, com 18 familiares também ficou evidente o reconhecimento de que a o

acesso à leitura, numa sociedade grafocêntrica tem repercussões muito importantes para a vida das pessoas. Por nossa pesquisa ter sido realizada em creches municipais, de comunidade carente do Recife, também consideramos que o patrimônio cultural da família influi não só nas oportunidades de acesso à leitura e a práticas leitoras, quanto aos percursos escolares.

Nas falas de professores, ADIs e familiares evidencia-se que no contexto vivido pelas crianças, a escola “tem um universo de simbologia diferente da simbologia adquirida na família” (DONATELLI, 2006, p.117) e, desse modo, contribui de modo mais efetivo para a aproximação da criança com o mundo das histórias, dos livros e da literatura.

Embora os familiares e a escola sejam vistos em parceria, o papel das famílias acaba ficando mais restrito que o da escola, devido às condições de vida marcadas pela exclusão social e cultural, o que faz com que a parceria penda mais para o lado da escola, que acaba concentrando mais condições para efetivamente contribuir na formação leitora das crianças. Nessa direção, afirma a professora P3:

Como te falei, o público da gente é um público bem difícil com relação a isso. São famílias carentes que não têm acesso à leitura, a esses suportes né? Se você perguntar: lê jornal? Não, não lê. Se você perguntar: tem livro em casa? Tem o que eles levam para casa, que recebem daqui. Mas se você perguntar: cadê seu livro? Eles vão responder: rasguei... Então a gente vê que a participação da família nessa construção desses hábitos de leitura é quase nenhum, então fica sob responsabilidade da escola construir esse aluno como leitor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente a escola é vista como espaço de obtenção de conhecimento e responsável pela educação do indivíduo, entretanto, nesta pesquisa evidencia-se também o papel complementar da família no desenvolvimento da criança e mais particularmente, na sua formação leitora.

De um modo geral, os dados apontam para a importância do acompanhamento da família na formação educacional da criança e como isso possibilita resultados positivos para o desenvolvimento do indivíduo.

Trazemos então, uma análise sobre a influência no desenvolvimento leitor literário de crianças a partir de percepções que professores, ADIs, e a família têm de

suas ações e responsabilidades quanto ao papel realizado por eles e entre eles com as crianças.

A disponibilização de livros para o trabalho em sala de aula e em casa se configurou como uma ferramenta de grande relevância para o incentivo à leitura.

Ao analisar os dados percebemos que apesar dos pais reconhecerem a importância do seu incentivo no desenvolvimento escolar e literário de seus filhos, reconhece que têm limites nesse campo e atribuem à escola uma maior responsabilidade por tal ação.

Concluimos com essa pesquisa, que a integração entre a escola e família é de fundamental importância para o desenvolvimento da aprendizagem dos estudantes. Sendo assim, faz-se pertinente repensar ações para integração entre família e escola em prol da formação literária dos estudantes.

REFÊRENCIAS

BALDI, Elizabeth. **Leitura nas séries iniciais: uma proposta para formação de leitores de literatura**. 2ª edição. Porto Alegre: Editora Projeto, 2010

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 7.ed. São Paulo: Ática, 2002.

BRANDÃO, Ana; ROSA, Ester. **Ler e escrever na educação infantil: Discutindo práticas pedagógicas**. 2.ed. Belo Horizonte: Autentica, 2011.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, v. 134, n. 248, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27834-27841.

CARDOSO, Beatriz; SEPÚLVIDA, Angélica. Entrar na cultura escrita pela porta da literatura infantil: reflexões a partir da pesquisa sobre a compreensão e os usos dos materiais educativos trilhas. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL LITERATURA INFANTIL: ACERVOS, ESPAÇOS E MEDIAÇÕES, 2014, Belo Horizonte. *Anais...* p.81-100.

CHAGAS, Lilane Maria; DOMINGUES, Chirley. **A Literatura infantil na alfabetização: A formação da criança leitora**. Florianópolis: Perspectiva, 2015.

COELHO. Betty. **Contar histórias – Uma arte sem idade**. 10. Edição. São Paulo: Ática, 2000.

CONGRESSO NACIONAL DA EDUCAÇÃO, 2016, Natal - RN. **IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**, Natal - RN: [s. n.], 2016. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_M_D4_SA6_ID9768_17082016123124.pdf. Acesso em: 21 maio 2019.

CRUZ, Silvia. **Aprender a Ler e a Escrever: as expectativas das famílias e da Escola**. Brasília: MEC/ SEB, 2016.p.15-34.

DICKINSON, David K.; GRIFFITH, Julie A. Por que leitura de livros com crianças desde o berço promove sucesso na leitura a longo prazo. In :III SEMINÁRIO INTERNACIONAL A LEITURA DE O BERÇO: POLÍTICAS SOCIAIS INTEGRADAS PARA A PRIMEIRA INFÂNCIA, Brasília: Instituto Alfa e Beto, 2010, p.23-55.

FARIAS, Maria Silvia Queiroz. *Família e Escola: uma parceria em busca da competência leitora de crianças da escola pública*. 2010. 231f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2010

FOTESKI, Elaine; OLIVEIRA, Sueli; VALÉRIO, Raquel. **Prazer pela leitura: incentivo e o papel do professor**, 2011 disponível em <<https://http://www.periodicos.unc.br/index.php/agora/article/view/423>>. Acesso em: 28 mai. 2019

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: Em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez,2006.

LOPEZ, Maria Emília. **Bebês como leitores e autores** / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. - 1.ed.- Brasília: MEC / SEB, 2016.

MANZINI, Eduardo José. Entrevistas semi-estruturada análise de objetivos e roteiros. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS,2,2004, Bauru. A pesquisa qualitativa em debate. Anais ... Bauru:USC, 2004. CD-ROOM. ISBN:85-9823-01-6.10p.

ONESTI, Anne Marie Tribess. A influência da literatura infantil no desenvolvimento da autonomia e criatividade das crianças a partir do projeto autores mirins. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO BÁSICA, 2014, Florianópolis. Educação integral e tempo integral: da Educação Infantil ao Ensino Fundamental. Prefeitura de Florianópolis: Educação. 2014. p. 10.

PARO, Vitor Henrique. **A gestão da política nacional de educação: desafios contemporâneos para garantia do direito à educação**. São Paulo: Cortez, 2016

BRASIL. Programa Nacional da Leitura e do Livro. **Informativo do Boletim**, n.XX. Disponível em: <http:// <http://antigo.cultura.gov.br/pnll> >. Acesso em: 15 nov. 2018

BRASIL. Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil. Conhecimento de Mundo. Brasília, 1998. p.125-145

RIBEIRO, Vera. Massagão. (Org). **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global, 2003.

MORAIS, Rogério de Melo. **Ofício Circular n.º 293/2017 – GAB/SEDUC , 21 de setembro de 2017**. Recife - PE, 21 set. 2017. Disponível em: http://www.portaldaeducacao.recife.pe.gov.br/sites/default/files/reenvio_oficio_circular_no_293.2017_brinqueducar_informacoes.pdf. Acesso em: 27 maio 2019.

SANTOS, Julienne. **Incentivo a Prática da Leitura em Sala de Aula**. 01.ed.rev. Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, 2017, p.179-191.

ZAMBONI, Ernesta; FONSECA, Selma Guimarães. **Contribuições da literatura infantil, para a aprendizagem de noções do tempo histórico: Leituras e indagações**. Campinas: CAD. Cedes, 2010.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. Edição. rev., atual., e ampl. São Paulo: Global, 2003.